

“Relato sobre a Clínica de Experimentações: condições de possibilidades para pensar a escolha profissional do universitário”

DIÔNVERA COELHO DA SILVA¹; RENICE EISFELD MACHADO ²; LISANDRA BERNI OSÓRIO³

¹Universidade Federal de Rio Grande – dionvera-coelho@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– renice.eisfeld@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas– lisabosorio@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No horizonte das contingências e variações de potência na/da vida universitária, desvelam-se modos provisórios de existência em vias de se transformar. As inúmeras mudanças pelas quais o aluno passa, quer seja de cidade, de condição socioeconômica, ou, ainda, de atravessamentos emocionais, além do próprio ambiente universitário, lhe conferem constante ajustamento. Eles foram encontrados como jovens em constante transformação, ocupando territórios novos em sua existência, ao se verem compelidos a buscar formas de autogerir suas vidas em meio a suas formações acadêmicas e ao corresponderem às expectativas do mundo universitário (OSÓRIO, 2016).

Entre as mudanças ocorridas, as questões relacionadas à orientação profissional têm se tornado cada vez mais imperativas ao estudante, mesmo que o seu futuro não dependa somente desta, haja vista que ela pode mudar. Contudo, estar comprometido com tal escolha permite um posicionamento mais otimista diante das possibilidades, sobretudo contemporiza as dificuldades que podem emergir e contribui à obtenção de bem-estar psicológico, conforme afirmam Bardagi, Lassance, Paradiso (2003).

Em relação a isso, Galotti (1999) salienta a importância de educadores e psicólogos neste processo, auxiliando as pessoas a sentirem-se mais confortáveis para enfrentar a ambiguidade e dúvida gerada. Deste modo exige-se tempo e esforço comum nestes processos de decisão e mudança vocacional.

O objetivo deste trabalho é compartilhar a experiência vivida em um grupo de estudantes universitários e desta forma, discutir os sentimentos relatados pelos alunos com incertezas quanto à escolha profissional.

2. METODOLOGIA

O grupo foi formado a partir do convite aos alunos bolsistas da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) da Universidade Federal de Pelotas que estavam na lista de espera do serviço de Psicologia. Foi realizada entrevista individual prévia aos encontros, de modo a colher a singularidade de cada aluno para compor o grupo. Este configurou-se fechado, composto por 15 universitários, e teve a duração de 10 encontros semanais que ocorreram entre o período de agosto de 2016 à março de 2017. Na modalidade de oficinas, chamado aqui de Clínica de Experimentações, com elementos da Arte, da Filosofia e da Ciência, por meio de temáticas que dessem vazão aos afetos, ao pensar, ao aprender, ao ler, ao escrever, ao viver (OSÓRIO, 2016).

Utilizamos o método cartográfico (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2014), o qual visa acompanhar os processos subjetivos, na abertura que é produzida no plano coletivo de forças que acolhem momentos de mudanças, instantes de ruptura e potência de criação. Os encontros foram mediados por uma psicóloga da PRAE e duas estagiárias do curso de Psicologia agindo como co-terapeutas.

Os encontros duravam em torno de 4h horas, onde em cada semana diferentes temas eram abordados como depressão, ansiedade, vida universitária, relacionamentos, família.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro encontro do grupo assistimos um vídeo de uma palestra intitulada “Aventurar-se pelas escolhas” de Ligia Amadio (2011), em que ela compartilha a sua experiência profissional que passou por muitas mudanças, demonstrando os riscos que passou ao começar uma nova faculdade e ao final ter alcançado satisfação no que queria fazer, ela pergunta ao público: Será que o que estou fazendo é o que eu amo? Esse é o meu caminho?

Sobre estas questões muitos universitários estavam a pensar, e de alguma forma vivenciavam o conflito de não saberem se estavam no caminho que os realizaria profissionalmente. No grupo havia aqueles que queriam mudar de curso, mas que ainda estavam fazendo o curso que não gostavam, outros que já haviam realizado a mudança e sentiam-se satisfeitos, outros que queriam mudar novamente e voltar para o curso o qual haviam desistido e, outros ainda, que queriam terminar o curso que estavam fazendo e recomeçar. Isso corrobora com os estudos de Xavier, Nunes e Santos (2008, p. 436), em que observaram que “pode-se compreender alguns sentidos constituídos na esfera subjetiva a partir da aprendizagem na universidade, dentre eles, os sentidos atribuídos ao que se quer aprender, ou seja, à escolha dos cursos de graduação”. Da mesma forma, encontramos em uma pesquisa realizada no mesmo *locus* do grupo, um índice de 11% dos universitários que já haviam realizado reopção de graduação (OSÓRIO, 2016), assim como discentes da Casa do Estudante da mesma Instituição, os quais estavam insatisfeitos com a carreira escolhida em 25% dos casos (NONTICURI, et al., 2014).

Após assistirmos o vídeo, tivemos a oportunidade de discuti-lo, e emergiram visões diferentes sobre abandonar e recomeçar outra graduação, uma aluna disse que era muito mais fácil já estar graduada num curso, para fazer outro, pois isso garantia uma estabilidade ao recomeçar. Entretanto, terminar uma etapa em que não há desejo de continuidade no futuro traria a sensação de perder tempo, perder-se no tempo. Um estudante que, para além de sua idade, expressa um “tempo perdido” (DELEUZE, 2010) do curso da vida que não pára. Eles sentem-se deslocados, de signos mundanos e das horas perdidas em trocas de Cursos, um tempo de lentidão para ingressar na Universidade por terem feito outras escolhas antes disso. Guattari (1988, p.10), nos coloca um “pensar o tempo contra corrente: imaginar que tudo o que vem ‘depois’ possa modificar o que era ‘antes’; ou então que uma mudança, no coração do passado, possa transformar um estado de coisas atual”.

Nesse sentido, em relação ao tempo, algumas preocupações incidiam e eram compartilhadas pelos participantes do grupo, como o sentir-se velho para fazer nova carreira, para entrar no mercado de trabalho, muitos sentiam ansiedade por conta da necessidade de ajudar economicamente a família, bem como desejavam alcançar independência financeira, percebemos que este “sintoma” ansiedade em sua relação com a qualidade do tempo, tomava a forma de uma angústia em estar desperdiçando, um medo de estar construindo um futuro infeliz. Em relação a isso, Adachi (2009) ressalta que estudantes recém chegados do interior ou, ainda, o trabalho realizado de modo concomitante aos estudos, favorecem a evasão do ensino superior. Assim, questões pessoais, além daquelas ligadas ao vínculo estabelecido com a Instituição, como condições

sociais, políticas e econômicas, configuram fortes influências pela permanência, ou não, do aluno na Universidade.

A observadora do grupo, pôde compartilhar sua vivência, naquele momento estava cursando um segundo curso, e sentia-se demasiadamente sensibilizada com os medos, ao ouvi-los era como se estivesse voltando no tempo que ela própria achava também estar perdendo. Por meio de um olhar empático, o clima grupal direcionou-se para uma experiência sobre a importância de não desistir dos sonhos, de ter esperança, que enquanto se caminha, se encontra respostas e meios de viver em paz. Em outro encontro uma aluna disse: “Eu não contei isso para ninguém, mas pretendo fazer medicina, depois que me formar, é o que eu sempre quis fazer, meu sonho”.

Naquele instante duas coisas nos chamou a atenção, a primeira foi a forma como a aluna sentia-se bem com o grupo para falar de algo tão profundo, isso pode ser explicado pelo fato dela ter percebido que suas angústias eram de alguma forma similares e entendidas pelos demais participantes, possivelmente com sentimento de pertença como afirma Pichon-Revière (2009). O segundo fato que percebemos foi o quanto aquele desejo de alguma forma não encontrava abrigo para ser exposto, entre seus familiares e amigos, neste sentido muitos membros do grupo, passavam pela mesma situação.

Deste modo, notamos que existia uma necessidade de mostrar resultados para a família, mostrar que estavam fazendo algo por si, que mereciam crédito, que não estavam “perdidos na vida”, muitos destes estudantes enfrentavam sozinhos o peso de suas escolhas. Eles vivenciavam muitos problemas psicológicos, principalmente por não conseguirem cumprir com suas atividades curriculares, afetando sua autoestima, bem como sua saúde psíquica, refletindo na permanência na universidade, já que eles deviam ter um rendimento mínimo para que continuassem recebendo os benefícios da mesma.

Nesse sentido encontramos contribuições de Osório, (2016), por meio de relatos e documentos do arquivo da PRAE-UFPEL, alguns em forma de carta, outros em forma de justificativa, que imprimiam uma expectativa de alunos pela troca de Cursos porque se sentiam insatisfeitos com a natureza dos conteúdos das graduações que estavam a cursar. Isso deflagraria um mal-estar, não como uma relação de causa e efeito, mas como uma linha transversal que atravessaria a vida do aluno. Linhas de desassossego, por meio das quais o aluno queira estudar, passar nas provas, ir às aulas, mas que, por vezes, o faz ser puxado para um abismo. Aquilo que lhe potencializa e aquilo que lhe fragiliza coabitam em seu viver. Diante do sofrimento estudantil observado, podemos afirmar que “um desenvolvimento humano favorável tem a ver justamente com esta capacidade de relacionar-se com o mundo de maneira criativa: é isto que daria sentido à existência, ancorando o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida” (ROLNIK, 2006, p. 6).

4. CONCLUSÕES

O trabalho cartográfico na perspectiva grupal foi importante para promover apoio mútuo em relação às angústias sobre a escolha profissional. Percebemos que o espaço possibilitou um meio para que os universitários falassem de forma acolhedora sobre os seus medos, e que diante de um espaço coletivo pensassem em formas de enfrentá-los. Isso nos põe a pensar que os modos subjetivos produzidos (GUATTARI, 2012), a partir da captura de elementos no tecido social, acolhem e emitem multiplicidades e heterogeneidades, mantendo-se aberto e fazendo dessas interações uma construção coletiva viva entre os alunos do grupo. Essas trocas; confere ao estudante o emergir de suas singularidades,

que reverberam “por e como um movimento, movimento de desenvolver-se a si mesmo” (DELEUZE, 2012, p. 99), sobretudo nos processos de subjetivação discentes, ultrapassando aquilo que já está dado, e se constituindo em variações de um aprendiz em seu devir.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARO, L. **TEDxUSP**, São Paulo. 2011. 16min42seg. Acessado em 1 out. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5HJt800enD0>.
- ADACHI, A. A. C. T. **Evasão e evadidos nos cursos de graduação da UFMG**. 2009. 214 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- BARDAGI, M. P; PARADISO, Â. C. Trajetória acadêmica e satisfação com a escolha profissional de universitários em meio de curso. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 4, n. 1-2, p. 153-166, 2003.
- DELEUZE, G. **Empirismo e Subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. 12 ed. Rio de Janeiro: Ed 34, 2012.
- DELEUZE, G. **Proust e os signos**. 2a Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- GALOTTI, Kathleen M. Making a "major" real-life decision: College students choosing an academic major. **Journal of Educational Psychology**, v. 91, n. 2, p. 379, 1999.
- GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.
- GUATTARI, F. **O inconsciente maquínico**: ensaios de esquizoanálise. Tradução de Constança Marcondes César e Lucy Moreira César. Campinas: Papirus, 1988.
- NONTICURI, A. R., RODRIGUES, Carla G. R.; OSÓRIO, L. B., et al. **Estímulo à aprendizagem mediante a promoção da saúde dos alunos da Ufpel: uma tarefa transdisciplinar**. Resumo Anais **Enpos/UFPEL** 2014. Acessado em 1 out. 2017. Disponível em: <http://cti.ufpel.edu.br/cic/arquivos/2014/CH_01422.pdf >
- OSÓRIO, L. B. **Subjetivações em meio à vida universitária**: aprender inventivo num tempo de escrituras. 2016. 245 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas.
- PICHON-REVIÈRE, H. **O processo grupal**. Martins Fontes, 8ª Ed. São Paulo, 2009.
- PINTO, T. M. G; CASTANHO, M. I. S. Sentidos da escolha e da orientação profissional: um estudo com universitários. **Estudos psicologia.(Campinas)**, v. 29, n. 3, p. 395-413, 2012.
- ROLNIK, S. **Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia**. Núcleo de estudos sobre subjetividade. 2005. Acessado em 1 out. 2017. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>>
- TEDESCO, S. H., SADE, C., CALIMAN, L. V. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: PASSOS, E.; KASTRUP V.; TEDESCO, S. (Orgs). **Pistas do Método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. v. 2 Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 92-12.
- XAVIER, A.; NUNES, A. I. B. L.; SANTOS, M. S. Subjetividade e sofrimento psíquico na formação do sujeito na universidade. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza. v. VIII, n. 2, p. 427-451, 2008.